



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LUANA FERREIRA FREITAS

**APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO PANDÊMICO:
DESAFIOS DOCENTES PARA INCLUSÃO**

João Pessoa
Novembro, 2022

LUANA FERREIRA FREITAS

**APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO PANDÊMICO:
DESAFIOS DOCENTES PARA INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Adenize Queiroz de Farias.

João Pessoa, PB
NOVEMBRO, 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

F866a Freitas, Luana Ferreira.

Aprendizagem da criança com TEA no contexto
pândemico: desafios docentes para inclusão / Luana
Ferreira Freitas. - João Pessoa, 2022.

34 f.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Aprendizagem. 2. Transtorno do Espectro Autista.
3. Contexto pandêmico. I. Farias, Adenize Queiroz de.
- II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 616.896(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

LUANA FERREIRA FREITAS

**APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO PANDÊMICO:
DESAFIOS DOCENTES PARA INCLUSÃO**

Trabalho de conclusão de Curso submetido ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADO EM PEDAGOGIA.

APROVADO EM: 15/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS

Prof.^a. Dr.^a. Adenize Queiroz de Farias.
UFPB/DHP/CE
(Orientadora)

Jackeline Susann Sousa da Silva

Jackeline Susann Sousa da Silva
Universidade Federal da Paraíba – Campus I

Taísa Caldas Dantas

Taísa Caldas Dantas
Universidade Federal da Paraíba – Campus I

Dedico este trabalho ao meu melhor amigo Jesus, aos meus queridos pais Severino e Luciana que, apesar das dificuldades da vida jamais deixaram de sonhar esse sonho comigo, assim como a minha irmã Letícia que sempre esteve ao meu lado durante essa jornada. Esse trabalho não é só meu, vocês estão presentes nele.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero agradecer a Jesus por ser o meu melhor amigo desde o meu nascimento, por me dar forças para prosseguir e por ter colocado esse sonho em meu coração, a ele seja a honra, a glória e majestade para todo sempre, pois sem ele eu não conseguiria.

Agradeço a minha mãe Luciana que é muito mais que uma mãe, é uma amiga que tanto me auxiliou nessa jornada de trabalhar e estudar, e que sempre esteve disposta a me auxiliar com palavras de ânimo e com seu ato de cuidado ao preparar cada almoço para que eu pudesse seguir em busca dos meus objetivos, externo a minha gratidão ao meu pai Severino que nunca mediu esforços para me levar até a universidade em todas as suas folgas e por sempre me apoiar nos estudos.

A minha irmã Letícia que é um dos meus tesouros aqui nessa terra e que tanto vibra comigo a cada conquista minha, palavras não são suficientes para descrever tamanha alegria que sinto por tê-los em minha vida.

Agradeço também a cada um dos meus familiares e amigos que acompanharam toda a minha trajetória desde 2018 e que fizeram parte da minha construção enquanto profissional. Agradeço a minha dupla de curso Jackelyne por toda parceria ao longo desses 4 anos, foram muitos trabalhos, provas e histórias que construímos juntas e que com toda certeza ficarão registrados em nossa memória. Agradeço também a Raphaela por tanto apoio e parceria nessa reta final de curso, assim como Marianna que também fez parte desse processo, vocês foram essenciais pra minha jornada.

Ademais, quero agradecer a minha orientadora Dr. Adenize Queiroz que prontamente me acolheu como orientanda e que com seu jeito doce e cativante me auxiliou na construção de cada parte desse trabalho. Sendo assim, quero deixar o versículo a qual meu coração se enche de esperança e me traz a certeza de que tudo isso é apenas o início de tudo aquilo que o Senhor já preparou pra mim.

“Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.” Isaías 55:9.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se tornado um dos conteúdos mais relevantes dentro da nossa conjuntura social e escolar apresentando assim um crescimento significativo seja em diagnósticos seja em discussões em ambientes escolares e não escolares nas últimas décadas, se tornando um dos temas mais estudados nos campos de saúde e educação. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo apontar alguns desafios enfrentados pelos docentes ao longo do contexto pandêmico vivenciado entre os anos de 2020 a 2022, analisando assim a prática pedagógica com alunos diagnosticados com TEA e a relação família – escola.

Para tanto, o trabalho foi realizado a partir da pesquisa de campo em uma escola da rede municipal de João Pessoa-PB, sendo norteado por revisões bibliográficas que trouxeram subsídios teóricos para pesquisa que foi realizada com 4 professoras da Educação Básica e 1 Gestora Pedagógica. Nessa perspectiva, o trabalho destaca como resultado a constante luta docente no processo de inclusão, assim como as barreiras atitudinais presente na sociedade e a participação familiar em todo o percurso escolar, enfatizando assim os efeitos da pandemia na aprendizagem de crianças com o Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: Aprendizagem; Tea; Contexto Pandêmico

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) has become one of the most relevant contents within our social and school context, thus presenting a significant growth both in diagnoses and in discussions in school and non-school environments in recent decades, becoming one of the most studied in the fields of health and education. Thus, the present work aims to point out some challenges faced by teachers throughout the pandemic context experienced between the years 2020 to 2022, thus analyzing the pedagogical practice with students diagnosed with ASD and the family-school relationship.

For that, the work was carried out from field research in a school in the municipal network of João Pessoa-PB, being guided by bibliographical reviews that brought theoretical subsidies for research that was carried out with 4 teachers of Basic Education and 1 Pedagogical Manager.

From this perspective, the work highlights the constant teaching struggle in the inclusion process as a result, as well as the attitudinal barriers present in society and family participation throughout the school career, thus emphasizing the effects of the pandemic on the learning of children with Spectrum Disorder Autistic.

Keywords: Learning; In; Pandemic Context

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TEA Transtorno do Espectro Autista

DSM Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

CID Classificação Internacional de Doenças

DUA Desenho Universal da Educação

LDB Lei de Diretrizes e Bases

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TEA E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DESAFIOS ÀS CRIANÇAS E AS SUAS FAMÍLIAS NO CONTEXTO PANDÊMICO.	12
2.1 Aprendizagem da criança com tea.....	12
2.2 Tea e a pandemia do covid-19.....	17
2.3 O papel da família no contexto de lutas históricas e políticas pela inclusão da criança com tea.....	20
3. APLICAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	22
4 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TEA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS AO AEE, AO ENSINO REGULAR E Á GESTÃO ESCOLAR.....	25
4.1 O AEE e os desafios para o acompanhamento de estudantes com tea no contexto pandêmico	25
4.2 Os desafios á inclusão da criança com tea na Educação Infantil	26
4.3 Áparticipação familiar no percurso escolar de estudantes público alvo da Educação Especial: O que a pesquisa revela.....	27
4.4 A inclusão de estudantes com tea: Discutindo o papel da gestão e sua relação com a comunidade escolar	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICES.....	33

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XX, surgiu através do psiquiatra Leo Kanner (1943) um estudo que trouxe um dos primeiros conceitos acerca do Tea que inicialmente obteve como nomenclatura o termo Autismo Infantil que se denominava também como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, nessa pesquisa Kanner analisou 11 crianças e observou aspectos voltados para comportamento, solidão e comunicações que cada uma apresentava. Passado algumas décadas, novas descobertas foram sendo realizadas com base em novas análises e pesquisas, considerando que o tea passou a ser estudado pela neurociência e vem ganhando grande destaques nas ciências médicas e no campo da educação.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como proposta conhecer os processos de transformações na construção do conceito do Tea ao longo dos séculos e a linha tênue que se constituiu através dos estudos acerca das metodologias e mecanismos de ensino e aprendizagem de crianças com TEA. Nesse segmento, serão abordadas questões acerca do desenvolvimento individual e coletivo das crianças com Tea, considerando ainda o contexto pandêmico vivenciado entre os anos de 2020 a 2022, evidenciando os desafios enfrentados não apenas pelos docentes, mas pela família de estudantes de Rede Pública para alcançar a inclusão dos mesmos no ensino remoto adotado em razão do período de isolamento social.

Nessa conjuntura, serão apresentadas as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas implicações para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças que são diagnosticadas, além disso, será discutido o papel da família como fundamental no processo de aprendizagem em conjunto com o ambiente escolar. Nesse cenário, podemos inferir que apesar de uma crescente exposição midiática, o Tea ainda precisa ser discutido dentro da sociedade e, particularmente dentro do ambiente escolar tendo em vista ser o espaço onde justamente ocorrem as maiores interações do sujeito com os pares e com o próprio ambiente.

Nesse âmbito, a fundamentação teórica deste trabalho destacará abordagens metodológicas no que tange ao comportamento humano, como é o caso do teórico Vygotsky (1978), que em seus estudos trabalhou entre muitas abordagens, a teoria sociointeracionista, a qual em síntese consiste na compreensão da aprendizagem através do contato com o sujeito, com a cultura, assim como também considerando a mediação como uma ponte que possibilita a transformação do sujeito. Destarte, o teórico pontua a aprendizagem sob a ótica da comunicação com o mundo, fator de extrema relevância que nos auxilia na compreensão das

necessidades apresentadas por estudantes com Tea.

Sendo assim, o trabalho abordará diferentes concepções acerca do que é o Tea; as principais análises teóricas e conceitos construídos ao longo dos anos; as leis que asseguram o direito da criança com Tea e principalmente as implicações na aprendizagem de tais sujeitos em virtude da ausência do ensino presencial nos anos letivos 2020 e 2021. Nesse viés, o trabalho tem por objetivo geral apontar alguns desafios vivenciados por professores tendo em vista a aprendizagem da criança com TEA no contexto pandêmico, ainda como objetivos específicos, buscamos identificar como esta aprendizagem ocorreu ao longo da pandemia, discutindo os efeitos deste cenário no processo de inclusão destes estudantes, examinando ainda como se deu a participação da família nesse percurso.

Para tanto, considerando que atualmente o Tea tem sido investigado por diversas áreas do conhecimento, serão adotadas também as contribuições de pesquisadores da área de saúde, educação e as ressalvas das áreas legislativas, a exemplo da Lei 12764/12 (Lei Berenice Piana) e da Constituição Federal. Finalmente, no tocante a metodologia da investigação, foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola da Rede Municipal localizada na grande João Pessoa-PB, com a finalidade de através do contato com os profissionais que atuaram no modelo de ensino remoto com esses estudantes analisar e evidenciar os principais desafios enfrentados para aprendizagem no período pandêmico.

Sendo assim, é possível compreender que o Transtorno do Espectro Autista alcançou um crescimento significativo seja em diagnósticos, seja em discussões em ambientes escolares e não escolares nas últimas décadas, se tornando um dos temas mais estudados nos campos de saúde e educação, apresentando-se também dentro da perspectiva dos marcos legais na nossa legislação. Concomitantemente ao crescimento do tema supracitado, o trabalho busca salientar os processos de aprendizagem das crianças com Tea e os acontecimentos históricos recorrentes desde os primeiros estudos da área.

Por esse motivo, o trabalho tem uma importância significativa tanto para docentes da Educação Especial como para os profissionais que fazem parte do atendimento multidisciplinar nos mais variados espaços educativos, contribuindo assim para aprofundamento sobre o Tea e suas características gerais, assim como as estratégias que podem ser utilizadas para proporcionar um ensino ainda mais significativo para o público alvo em questão, a medida em que se busca compreender e analisar como se dá os processos de aprendizagem de crianças com Tea destacando as limitações mais recorrentes do público supracitado e as estratégias até então

adotadas com a finalidade de se alcançar uma aprendizagem pautada na autonomia do indivíduo.

Para tanto, enquanto futura pedagoga, observo que são muitos os desafios para se trabalhar de forma eficaz dentro da sala de aula com crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista. À vista disso, investigar essa temática se torna de extrema relevância para mim enquanto concluinte do curso de Pedagogia, como também permite a ampliação de novas concepções e estratégias da minha futura prática pedagógica.

Ademais, iniciamos com o referencial teórico abordando as especificidades do Tea ressaltando a trajetória realizada para construção do próprio conceito, considerando suas implicações na aprendizagem e as metodologias adotadas por estudiosos da área, a exemplo de Ferreira (2018) que contribui nos estudos sobre o Tea ressaltando a tríade autismo-educação e tecnologia entre outros estudiosos que trazem ênfase para o Tea. Por fim, a estratégia metodológica da pesquisa de campo contribuiu para alcançarmos resultados no que tange aos caminhos adotados mediante o período de isolamento social e a realidade das escolas que se reconfiguraram para melhor atender seus estudantes.

2 TEA E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DESAFIOS ÀS CRIANÇAS E AS SUAS FAMÍLIAS NO CONTEXTO PANDÊMICO.

Neste capítulo, apresentamos algumas características específicas que envolvem o transtorno do espectro autista, cuja compreensão se faz necessária a fim de possibilitar uma maior clareza no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes. Para tanto, apresentamos a visão de alguns estudiosos da área acerca da aprendizagem de estudantes com Tea, correlacionando com o cenário emergente na pandemia da covid-19, concluindo com discussões acerca da participação da família neste percurso.

2.1 APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA

Atualmente, as discussões acerca do Tea em nossa conjuntura social alcançaram um crescimento significativo dentro e fora do âmbito educacional, todavia é importante salientar que os debates envolvendo o assunto em questão percorrem nossos estudos desde as primeiras

observações realizadas por Leo Kanner (1943) que foi um dos pioneiros nos estudos sobre o Tea. Kanner (1943) inicialmente definiu o autismo como um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por comportamentos atípicos como solidão, a falta de interação e inabilidade da linguagem, e destacou uma maior presença de casos em crianças do sexo masculino, sendo assim, temos as contribuições do psiquiatra Leo Kanner através das suas primeiras investigações acerca do comportamento atípico de crianças que apresentavam dificuldades nas interações sociais e que possuíam uma forma única de se manterem isoladas em seu próprio mundo.

Nesse contexto, é importante destacar que as crianças diagnosticadas com Tea apresentam comportamentos que fogem do chamado padrão comportamental, e acabam se diferenciando das demais crianças, o que por consequência, as levam a necessitarem de um olhar mais aguçado em seus processos, tendo em vista que a cada nível que o indivíduo apresenta, novas estratégias tendem a ser elaboradas.

Apesar de Kanner ter colaborado com os primeiros estudos sobre essa questão, ele não foi o único a tentar buscar uma definição para o que conhecemos hoje como Transtorno do Espectro Autista, pois em 1944 o médico Hans Asperge fez uma publicação de um artigo que trazia características muito semelhantes as crianças destacadas por Kanner, a esse artigo ele deu o nome de Psicopatologia Autística da Infância, sendo assim, Dias (2015) ressalta as análises trazidas por Asperge que voltou-se para área educacional e psicológica, enquanto que Kanner deu mais ênfase no âmbito psiquiátrico, no entanto ambos tornaram-se pioneiros na identificação do autismo explorando as primeiras características desse universo. Nesse viés, as pesquisas relacionadas ao Tea passaram por mudanças significativas em detrimento das nossas transformações educacionais, políticas e sociais, ganhando espaço nos debates e nos campos científicos, nesse segmento, é possível destacar também a contribuição de Salomão (2018) que define o autismo como:

Condições neurobiológicas de início precoce (antes dos 3 anos de idade), com causas multifatoriais, e que acarretam prejuízos em níveis variados de severidade, afetando as áreas de interação social, comunicação e comportamento. (SALOMÃO, 2018; p.15)

Nessa lógica, é possível analisar que até chegarmos ao termo utilizado na nossa atualidade, o Tea passou por alterações mediante aos aprofundamentos trazidos por especialistas que buscaram defini-lo sendo ressaltado que por muitos o autismo ainda é tido como uma doença e tratado no senso comum como “probleminha” ou “mau comportamento

infantil”. Em vista disso, e ainda considerando uma perspectiva multidisciplinar, além dos teóricos supracitados, o Tea também recebeu um conceito trazido pela comunidade médica como por exemplo o DSM-IV *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (2002) que define que o Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses, enquanto que na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) (2000) temos como definição do Autismo infantil o termo Transtorno global do desenvolvimento, utilizado como terminologia em importantes legislações brasileiras, a exemplo da Política Nacional de Educação Especial. (BRASIL,2008).

Á vista disso, temos atualmente uma definição que aprofundou os conceitos trabalhados como também os termos supracitados, proporcionando assim uma visão mais geral e concreta do que se trata o Tea, pois através do DSM-V (2013) foi adotado o termo que utilizamos na atualidade: *Transtorno do Espectro Autista (TEA)*, que se caracteriza por um transtorno no desenvolvimento neurológico que se apresenta desde a primeira infância, por esse motivo esse é o termo aceito pela academia médica e pelas instituições educacionais.

Entretanto, em fevereiro de 2022 a Organização Mundial da Saúde realizou a publicação da versão final da CID-11 que mais uma vez destacou o Transtorno do Espectro Autista em suas nomenclaturas, ressaltando através do código 6A02 uma nova análise acerca dos diagnósticos, considerando que até a CID-10 os diagnósticos como Autismo Infantil, Síndrome de Asperger, Autismo Atípico eram inseridos dentro do código F84. Sendo assim, a última atualização do presente documento buscou inserir todos os diagnósticos dentro do termo Tea com a finalidade de diferenciar as subdivisões de acordo com os prejuízos na linguagem e na deficiência intelectual proporcionando uma maior facilidade nos atendimentos de saúde.

Nesse segmento, os estudos relacionados as características da criança com Tea possibilitam um conhecimento maior acerca de como se desenvolve a aprendizagem desse grupo e quais as estratégias utilizadas para que o direito a educação de qualidade seja garantido através da inclusão.

Dessarte, ao compreendermos os caminhos trilhados para formação do conceito do Transtorno do Espectro Autista, é possível visualizar uma estreita relação entre o Tea e a aprendizagem de estudantes nessa condição. Por conseguinte, trazemos as contribuições de Carothers e Taylor (2004) que trabalham uma aprendizagem voltada para a independência do

grupo em questão, tomando como referencial o trabalho conjunto da escola e família, para que se torne eficaz o desenvolvimento autônomo dos indivíduos dentro e fora da sala de aula, obtendo assim resultados cada vez mais satisfatórios para a aprendizagem da criança com TEA.

Posto isso, os estudos de Ferreira (2018) buscaram identificar através de pesquisas acadêmicas como a tríade Autismo- Educação-Tecnologia auxiliou no surgimento de soluções baseadas em softwares para área de educação, principalmente para os processos de alfabetização e letramento com o uso de jogos para suporte em atividades adversas, impulsionando assim as crianças com Tea a desempenharem novas habilidades.

Além disso, autores como Silva, Moura e Soares (2017) reforçam o uso das tecnologias em detrimento dos processos de ensino e aprendizagem da criança com TEA e as ferramentas assistivas que cooperam para evolução dos mesmos. Portanto, os trabalhos e pesquisas realizadas trouxeram uma nova configuração metodológica para o progresso individual dos alunos com Tea fazendo o uso de tecnologias como jogos que ofereceram subsídios para alfabetização, letramento, atividades cotidianas, comunicação e outras áreas de caráter multidisciplinar. Assim, as ferramentas assistivas se caracterizam como um novo utensílio para o trabalho pedagógico e um grande suporte adaptativo dentro de sala de aula para que se alcance o objetivo de termos alunos independentes e autônomos na realização de atividades em seu ambiente familiar, escolar e social.

Dentro dessa perspectiva de novas habilidades, é possível enfatizar as contribuições voltadas para aprendizagem humana que o psicólogo Lev Vygotsky trabalhou, considerando que os estudos do supracitado teórico não eram voltados exclusivamente para a educação, mas para o desenvolvimento humano através das relações, pois como o mesmo destacou; “[...] as características individuais e até mesmo as atitudes pessoais estão impregnadas de trocas com o coletivo[...]” (VYGOTSKY, 1996, p. 102) ou seja, as relações do sujeito com o outro criam possibilidades para construção de novos saberes e assim estabelecem a construção de aprendizagens significativas baseadas na interação.

Nesse íterim da aprendizagem, é imprescindível enfatizar que dentre os inúmeros objetivos pedagógicos pertinentes ao ensino da criança com TEA, tornar o sujeito mais autônomo e independente nas atividades cotidianas ganham um espaço significativo no sentido de possibilitar o desenvolvimento social e pessoal para que assim se formem jovens com Tea com uma maior liberdade, respeitando as suas singularidades e protegendo os seus

direitos. Nesse viés, o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) surge como uma nova metodologia a ser aplicada na prática docente com a intencionalidade pedagógica de estabelecer novas relações no ensino e aprendizagem de todos os estudantes, principalmente os estudantes com Tea.

Pereira e Schmidt (2021) apontam que uma das possibilidades de intervenção para auxiliar no processo de aprendizagem é o Desenho Universal da Aprendizagem, considerando as suas especificidades nas abordagens pedagógicas, o que tende a contemplar as diferenças na aprendizagem de todos os alunos, em especial aos estudantes com deficiência. É dentro dessa análise que o currículo escolar precisa abranger e se relacionar com a heterogeneidade apresentada em sala de aula para então se alcançar uma ruptura com as barreiras que impendem o pleno aprendizado de seus estudantes.

Os autores enfatizam o processo de inclusão como “progressivo e interminável”, ou seja, sempre surgirão novos desafios e conseqüentemente uma mudança nas abordagens, métodos e recursos a serem utilizados.

Nesse segmento, surgem novos estudos cujo objetivo é analisar as especificidades da aprendizagem de crianças com Tea, sendo os mesmos baseados em três teorias; a teoria da mente, as funções executivas e a coerência central. A primeira delas pode ser definida por Beeger et al; (2015) como habilidade de inferir estados mentais a outras pessoas e usar essas informações para prever o seu comportamento. Sendo assim, essa capacidade de interpretar interações, crenças e desejos podem contribuir para ação do professor dentro da sua sala de aula, tendo assim um olhar mais sensível as necessidades apresentadas pelos alunos com Tea.

Concomitantemente a teoria da mente (ToM) a segunda teoria abrange as especificidades na construção do conhecimento com base nas funções executivas, porquanto as atividades que requerem planejamento, controle, flexibilidade e interação exigem não apenas das crianças com Tea, como as crianças ditas típicas um conjunto de habilidades. Ademais, Frith (1989) desenvolveu a Teoria da Coerência Central que se destaca como um estilo de processamento cognitivo, pois as crianças com o transtorno do espectro autista acabam por processarem as informações em pequenas partes ao invés do todo, por esse motivo Frith chegou à conclusão de que essas crianças possuem a coerência central fraca a medida em que focam apenas nos detalhes sem considerar o quadro geral, formando o que a autora propõe como “estilo cognitivo focado nos detalhes”.

É com base em tais conhecimentos que a utilização do DUA precisa estar cada vez mais

presente dentro das escolas, a fim de estabelecer uma aprendizagem que respeite as singularidades de cada criança e a impulsiona a construir os seus próprios saberes, impulsionando cada estudante a ultrapassar as barreiras inerente a aprendizagem, pois como aponta Vygotsky (1984):

Zona de Desenvolvimento Proximal é: “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1984:97).

Nessa circunstância, o professor deve estar mediando cada etapa do processo de ensino e aprendizagem utilizando mecanismos e estratégias que distribua cada conteúdo de maneira equitativa promovendo assim significados concretos em cada experiência de aprendizado.

Nessa perspectiva, o contexto de isolamento social necessário em virtude da pandemia do covid-19 exigiu uma total reconfiguração do trabalho docente, como veremos na próxima sessão.

2.2 TEA E A PANDEMIA DO COVID-19

Neste capítulo, abordaremos os impactos experienciados pela sociedade em consequência do Covid-19 e quais os reflexos presente em toda nossa estrutura social considerando desde os campos de saúde, educação até mesmo social.

Ao final do ano de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre casos de pneumonia na cidade Wuhan na China, entretanto, não se tinha conhecimento de que o vírus tomaria uma proporção mundial a qual estamos enfrentamos nos últimos anos e que se caracterizou como uma das maiores pandemias já vivenciadas no mundo. Dessarte, o surgimento de um novo vírus não identificado em seres humanos causou um verdadeiro alarde nas cidades chinesas e após a sua proliferação no país de origem, o coronavírus expandiu-se além das fronteiras chinesas e adentrou aos primeiros países europeus, como foi o caso da Itália, um dos primeiros países a decretar quarentena e estado de emergência.

Ainda segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil teve o seu primeiro caso confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020 sendo extraído em 16 de maio do mesmo ano os dados do Painel Covid-19 do Ministério da Saúde que relataram os casos e quantidades de

óbitos em decorrência da doença. Após o primeiro registro, o país sofreu uma mudança significativa nos índices de casos, o que ocasionou na chamada quarentena, que foi sendo adotada por todos os estados e municípios como uma medida preventiva considerando a falta de conhecimento no tocante ao vírus e a suas ações no organismo humano. Por conseguinte, o Governo do Estado da Paraíba decretou situação de emergência no dia 13 de março de 2020 e todas as esferas comerciais e públicas não essenciais tiveram seus serviços suspensos inicialmente por um período de 15 dias, que mediante o agravamento na proliferação, acabaram totalizando quase dois anos de enfrentamento ao novo coronavírus.

Dentro do contexto pandêmico de isolamento social, as escolas e universidades também adotaram novas medidas para que os estudantes pudessem dar continuidade as suas atividades, nessa perspectiva tanto na educação básica como no ensino superior o modelo remoto se tornou um escape com a finalidade de suprir a ausência dos encontros presenciais ocorridos antes da pandemia. Assim sendo, os professores, pais e alunos tiveram que se adaptar ao modelo proposto para seguir com o currículo escolar e não ficarem sem a garantia dos seus direitos, salientando que a educação é assegurada pela nossa Constituição Federal de 1988 que afirmar em seu artº205 que a educação é direito de todos e dever do Estado e família, o que implica na obrigatoriedade de todo cidadão estar dentro do ambiente escolar que lhe é garantido por lei.

Entretanto, ao falarmos do direito a educação não podemos deixar de destacar as dificuldades enfrentadas pelo público alvo da Educação Especial em relação as medidas adotadas ao longo do período pandêmico, as quais foram ainda maiores do que as enfrentadas pelos demais estudantes. Nesse viés, o público em questão acabou passando por mais um retrocesso no processo de inclusão o qual já enfrentava dificuldades antes mesmo do covid-19, pois apesar de temos um leque de documentos que norteiam a Educação como por exemplo a Declaração Universal dos direitos Humanos (1948), a Declaração de Salamanca (1994) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) a luta para a inclusão real dentro dos ambientes escolares ainda é bem presente em nossa atual conjuntura, e apesar das modificações ao longo desses últimos anos, ainda é uma jornada árdua para os profissionais que buscam uma equidade na qualidade da educação para todos os estudantes.

Concomitantemente aos desafios sanitários e humanitários que a sociedade enfrentou e ainda tem enfrentado, a educação passou a ser um dos pilares debatidos em nossa contemporaneidade, assim como os impactos do isolamento social para os processos de

ensino e aprendizagem dos estudantes com Tea, dessa maneira, é possível analisar as contribuições que a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) traz em seu artigo 27º ao ressaltar que;

“A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”. BRASIL, 2015

Sendo assim, diante dos inúmeros desafios gerados pela pandemia, observamos que os documentos legislativos colaboram para construção de uma sociedade mais inclusiva, porquanto visa garantir não apenas o acesso, mas ao pleno desenvolvimento de todos os estudantes inclusive aqueles com Transtorno do Espectro Autista não apenas nos espaços escolares, mas em outros ambientes sociais e informais. Assim sendo, a nossa legislação foi se reconfigurando para sanar as lacunas decorrentes do processo de isolamento social.

Por conseguinte, Barbosa et. Col (2020), ao tratar sobre os impactos que a pandemia acarretou para os indivíduos com Tea, destaca que houve a falta de compreensão da necessidade desse distanciamento, o que por sua vez gerou sentimentos de contrariedade nas ações, dando ênfase a irritabilidade dos mesmos, tendo em vista a ruptura ocasionada em todas as rotinas escolares e terapêuticas. Por esse motivo, as estratégias iniciais foram surgindo como um novo caminho para dar continuidade ao ensino, assim adotou-se novas estratégias com o aparato das tecnologias que adentram como uma aliada para gerar uma aproximação entre os sujeitos durante esse decorrer do isolamento.

Serra (2010) destaca que “para haver inclusão, é necessário que haja aprendizagem” sendo assim, podemos inferir que educação inclusiva não acontece no ato da matrícula da criança com deficiência, mas ela é revelada mediante os trabalhos que são propostos para este público. Dentro desse contexto, Serra (2010) também destaca a importância de inserir no próprio currículo as aprendizagens cotidianas que são de suma importância para o desenvolvimento individual dos estudantes com Tea, e que geram uma independência nos mesmos, além disso, o trabalho do professor funciona como mediação para efetuação de uma aprendizagem significativa.

Diante de tal circunstância, os estudos trazidos por GIVIGI e col. (2021) apontam para as implicações do isolamento social para rotina das crianças com Tea tendo em vista a ruptura que interferiu diretamente no processo de desenvolvimento cognitivo e social dos mesmos,

considerando que a rotina é uma aliada tanto para o indivíduo com Tea, como para a família que realiza todo o acompanhamento, e é sob essa direção que as implicações produzidas pelo distanciamento social se deram, porquanto, as famílias precisaram assumir o papel de professores e terapeutas dentro de seus lares.

Posto isso, os autores supracitados ponderaram em suas pesquisas, realizadas junto a familiares de crianças com Tea, que 54% dos participantes responderam que o isolamento trouxe impactos negativos no que tange ao comportamento da criança com Tea, e que a interrupção terapêutica também colaborou com a ascensão de estresse e ansiedade nos indivíduos, conjuntamente aos aspectos interativos que também passaram um retrocesso significativo mediante a falta de contato nos ambientes sociais e escolares ocorridos antes da pandemia.

Logo, compreendemos que além dos impactos econômicos que estão emergindo em nossa realidade devido a pandemia do Covid-19, a educação geral e particularmente, a educação de crianças com Tea vivenciou uma significativa interrupção mediante as medidas de proteção adotadas para controlar a influência do coronavírus, portanto, a pandemia representou uma regressão para o processo de ensino e aprendizagem de todos os estudantes, em especial os que compõem o público alvo da Educação Especial.

Diante desta problemática, o nosso próximo capítulo abordará os diversos paradigmas históricos vivenciados pelas pessoas com deficiência culminando com o papel e a participação da família neste percurso político.

2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DAS LUTAS HISTÓRICAS E POLÍTICAS PELA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA.

A Educação Inclusiva é fruto de uma história marcada por diversos paradigmas e por uma série de sucessivas lutas que se tornaram imprescindíveis para conquista de muitos direitos legais que possuímos hoje. Sendo assim, a trajetória da Educação Inclusiva vislumbra paradigmas que contextualizaram cenários difíceis em toda a sociedade, como aponta Cunha, Velanga e Henrich (2017) “a inclusão da pessoa com deficiência no Brasil passou por muitas transformações a medida em que a própria sociedade foi se transformando”.

Sabemos que a nossa educação nem sempre teve essa atual expansão e relevância, pois como salientam as autoras supracitadas, o nosso cenário educacional se constituiu através de

muitos desafios diante dos quais as autoras buscaram apresentar e destacar as principais mudanças ocasionadas no âmbito educacional. Para tanto, elas pontuam alguns elementos que fizeram parte da construção histórica da nossa educação. Dessa forma, temos como paradigmas da educação quatro grandes períodos, sendo eles a Exclusão, Segregação, Integração e Inclusão SASSAKI (2012) como os modelos que o nosso corpo social enfrentou, por esse motivo podemos inferir que a nossa configuração educativa passou por processos intensos em sua formação.

Retomando as contribuições de Cunha, Velanga e Henrich (2017), elas destacam que inicialmente, as primeiras civilizações não consideravam as crianças com deficiência como sujeito de direitos, mas como um castigo dos deuses, dessa forma as mesmas eram excluídas da sociedade e em muitos casos eram sacrificadas por serem consideradas como doentes ou relacionadas a espíritos malignos. Todavia, muitas dessas crianças que eram parte de grupos como clero e nobreza acabavam por terem sua vida preservada, mas sem nenhum tipo de atenção eram enviadas a sanatórios.

Ao passo que saímos desse contexto de Exclusão, o segundo paradigma abordado pelas autoras é o da Segregação que nada mais é do que a oferta de uma escolarização em ambientes separados, ou seja, a criança com deficiência recebe um atendimento de forma isolada dos demais, o que por muitos anos fortaleceu a separação social, ademais, ao passo que saímos da Segregação, surge um novo modelo denominado como Integração que os autores Sasaki, Pacheco e Alves salientam o período como;

“em que esta é considerada como um problema da pessoa, sendo o deficiente quem precisa ser tratado e reabilitado para se adequar à sociedade como ela é” (Sasaki in Pacheco e Alves, 2007)

Portanto, não era a sociedade, a escola e todos os espaços que deveriam se adaptar para receber as pessoas com deficiência, mas competia ao sujeito dentro dessa perspectiva integracionista se adaptar e estar padronizado as demandas que lhe eram propostas.

Todavia, a sociedade como um todo passou por uma metamorfose em seus aspectos sociais, econômicos e educacionais, que por consequência promoveu uma nova percepção a respeito da pessoa com deficiência e das relações pertinentes aos direitos individuais. Deste modo, foram surgindo leis que promoveram um grande subsídio para nossa educação, dentre elas podemos mencionar a Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 208º garante a obrigatoriedade do ensino e o atendimento especializado para os estudantes que possuem necessidades especiais, além da lei Nº 9.394/96 Lei de Diretrizes e Bases que também aponta

para um atendimento especializado para o público da Educação Especial, assim como aponta para formação dos professores e enfatiza a importância do currículo no trabalho inclusivo.

Além disso, vale ressaltar que apesar das inúmeras leis que proporcionam um embasamento para nossa educação, temos uma que é de suma importância para os alunos com o Transtorno do Espectro Autista. Nos referimos a lei nº 12764/12 “Lei Berenice Piana”, cuja finalidade é a garantia dos direitos ao público em questão, desde o diagnóstico até aos atendimentos multidisciplinares que devem acontecer nos espaços escolares. A aprovação dessa lei evidencia o quanto a participação política da família é relevante no processo de inclusão das crianças com Tea ou com qualquer outro tipo de deficiência, posto que a referida lei foi uma conquista de intensas mobilizações por parte das famílias e em particular das mães de crianças com Tea, a exemplo de Berenice Piana.

Dessa forma, fica explícito que é mediante os aspectos legais que se configura o papel da família, pois como ressalva Givigi e col. (2021) em um estudo descritivo, a maioria das famílias que possuem algum membro com o Transtorno do Espectro Autista estão nas classes sociais menos favorecidas, o que reflete muitas vezes no desenvolvimento da criança, pois a falta de conhecimento acerca dos direitos legais acaba por estabelecer em muitos casos uma nova exclusão dos sujeitos, para tanto destacamos a importância da escola no cotidiano de tais crianças e para suas famílias, tendo em vista que para além da função pedagógica, essas instituições exercem também uma importante função social.

Vale salientar, que a família tem uma grande responsabilidade afetiva, financeira e educativa para com seus filhos, quer estes possuam ou não alguma deficiência, sendo indispensável a ligação família-escola para que se concretize uma inclusão que não se restringe ao papel, mas que deve ser dar nos mais diversos espaços onde a criança com Tea frequenta. Sendo assim, os documentos legais em concordância com a sociedade e família asseguram um aprendizado ainda mais significativo para os alunos e lhe garantem o direito de ser, crescer e aprender independente das dificuldades.

Diante do exposto, o capítulo seguinte abordará os apontamentos metodológicos adotados na pesquisa realizada em uma escola da Rede Municipal de João Pessoa- PB, enfatizando as realidades encontradas e os desafios vivenciados pelos docentes para trabalhar com crianças com Tea.

3 APLICAÇÕES METODOLOGICAS DA PESQUISA

Neste capítulo, trabalhamos os caminhos trilhados para análises de realidades enfrentadas dentro dos espaços educacionais onde há matrícula de crianças com Tea, os quais foram ainda mais desafiados devido as medidas adotadas em razão da pandemia da Covid-19.

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de campo de caráter qualitativo pois como aponta Filho (2006);

“O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. (2006, p.64)

Diante disso, é plausível compreender que a pesquisa de campo leva o pesquisador a ter um olhar ainda mais aprofundado sobre a sua problemática, não apenas através da observação, todavia a sua imersão no ambiente acaba proporcionando um olhar mais aguçado para se obter as respostas para suas indagações.

Assim sendo, as investigações foram realizadas em uma escola da Rede Municipal localizada na grande João Pessoa-PB que contempla os níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais) e Ensino Fundamental (anos finais). Para o processo de coleta de dados foram realizadas o total de 5 entrevistas com profissionais da Educação, as quais por motivo de ética serão apresentadas por nomes fictícios, garantindo assim a preservação de sua identidade.

Dessa forma, no capítulo de resultados e discussões, as professoras serão assim nomeadas: Professora Ana (AEE); Professora Kelly (2ºano), Professora Maria (Educação Infantil), Professora Tânia (4ºano) e por fim Luíza (Gestora).

As entrevistas foram realizadas entre os dias 22 e 23 de setembro do ano de 2020, seguindo um roteiro que consta nos apêndices desse tcc.

Com base no referido roteiro, as professoras compartilharam além das suas experiências e estratégias quanto ao ensino remoto para o atendimento dos alunos diagnosticados com tea, os desafios mediante a uma realidade totalmente atípica do ensino regular, além de ressaltarem a participação familiar em torno dos processos educacionais da criança com tea. Nesse viés, os dados coletados buscaram compreender o processo de aprendizagem e inclusão dos estudantes com tea nessa escola ao longo do período pandêmico o qual o mundo enfrentou nos anos de 2020 e 2021.

Quanto ao perfil das participantes, destacamos:

- A professora Ana que se formou no ano 2005 e após trabalhar alguns anos dentro

da área de supervisão e orientação, adentrou a Educação Especial no ano de 2012 atuando como professora do AEE;

- A professora Kelly que já possui mais de 15 anos dentro da educação, a mesma possui algumas especializações como psicopedagogia e também na área de EJA Educação de Jovens e Adultos, entretanto nos últimos anos vem atuando como professora dos anos iniciais e mesmo não tendo nenhum aluno com Tea ao longo da pandemia, vem vivenciando o processo de investigações de alguns alunos da sua turma;
- Maria por sua vez, é Pedagoga com aprofundamento na Educação Infantil possuindo especialização em Educação Especial atuando há mais de 30 dentro dessa perspectiva;
- Professora Tânia, possuiu 26 anos de docência sendo ainda especialista em psicopedagogia.
- A Gestora Luíza cuja jornada acadêmica iniciou-se ainda em sua adolescência de maneira informal e após a sua chegada a educação já vislumbrou aspectos que vão desde a sala de aula até a área de orientação, gestão, supervisão e coordenação de projetos.

Nesse contexto, as participantes através de suas formações e experiências acadêmicas possibilitaram a realização da pesquisa que buscou compreender os principais desafios docentes para a inclusão e o papel da família durante o estabelecimento do período remoto assim como as lacunas apresentadas após o retorno presencial o qual estamos vivenciando gradativamente e as respectivas estratégias estabelecidas para sanar os déficits educacionais dos estudantes.

Para o processo de tratamento e análises dos dados coletados, tomamos por base os autores e autoras que discutem a Educação Especial, em particular a aprendizagem das crianças com Tea os quais nos oferecem as lentes que nos ajudam a melhor compreender os relatos das professoras.

Portanto, o próximo capítulo tende a enfatizar os resultados obtidos através das entrevistas realizadas e os fundamentos que cooperam para as análises e discussões ao longo das visitas, assim como busca salientar a realidade enfrentada quanto a prática do ensino e aprendizagem de estudantes com Tea e como se desencadeou a participação familiar durante esse percurso.

4 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TEA: PERCEPÇÕES E DESAFIOS AO AEE, AO ENSINO REGULAR E À GESTÃO ESCOLAR.

Ao longo desse capítulo, serão apresentadas as respostas adquiridas por meio das entrevistas realizadas com as professoras da Educação Básica, tendo como suporte a fundamentação teórica abordada no primeiro capítulo deste tcc. Senso assim, serão apresentadas as concepções acerca da aprendizagem e os desafios enfrentados pelos docentes na busca pelo pleno desenvolvimento da pessoa com Tea, assim como a inclusão e suporte familiar no contexto da pandemia.

4.1 O AEE E OS DESAFIOS PARA O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES COM TEA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Nesta seção, apresentamos os relatos da professora do Atendimento Educacional Especializado, particularmente no que se refere as suas estratégias de atuação no período da pandemia.

Nessa conjuntura, a professora Ana (AEE) que iniciou sua jornada na área da Educação Especial em 2012 e desde então vem lutando nas causas da supracitada educação traz em sua fala uma concepção acerca do desafio em romper com as barreiras atitudinais que permanecem fortemente em toda a nossa sociedade. Bem como aponta (Wolff, 2016, p.60) “A principal tarefa social é remover as barreiras atitudinais” posto isso, em sua fala Ana destaca que é preciso enfatizar não os limites, mas as possibilidades dos estudantes público alvo da Educação Especial:

“Acredito na própria prática e responsabilidade que o educador que lida com essas pessoas que muitas vezes são discriminadas, mas que possuem tantas potencialidades”.

Fonte: dados de entrevista realizada em 2022.

Dessa maneira, percebemos que apesar de temos progredido em muitos aspectos legislativos, considerando o financiamento da AEE pelo Decreto 7611/11 que visa assegurar esse atendimento ao público da Educação Especial, o educador precisar estar empenhado dentro de sua prática para assim estimular as quatro condições indispensáveis a inclusão do público alvo da educação especial, sendo elas acesso, permanência, participação e aprendizagem. (BRASIL,2015).

Ainda na fala da professora Ana, é possível analisar os desafios que emergiram durante o período remoto, de tal forma que a mesma precisou se reconstruir e estabelecer novas estratégias para que seus alunos pudessem ter seus direitos garantidos. Por conseguinte, Ana destaca que um dos maiores desafios em trabalhar com as crianças diagnosticadas com Tea consiste em estabelecer a comunicação com elas, considerando as características que as mesmas possuem na falta de interação. Nesse ínterim, a tecnologia assistiva foi uma aliada da professora que realizou adaptações em todas as atividades dividindo em dois blocos de acordo com os níveis em que cada criança se encontrava e após a realização eram feitas vídeos chamados entre uma ou duas vezes durante a semana. Em relação a participação familiar, Ana destaca que a maioria das famílias iam buscar as atividades e também realizavam a devolutiva o que foi analisado como um aspecto positivo dentro do cenário pandêmico a qual estávamos.

4.2 OS DESAFIOS À INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Apesar de não haver recebidos alunos com tea durante a pandemia, consideramos importante apresentar os relatos da professora da Educação Infantil aos termos as suas contribuições sobre a pós pandemia e a experiência de receber uma estudante com tea em sua sala. A professora como veremos, está ciente dos desafios encontrados para o atendimento a esse público alvo.

Dessa forma, a professora que chamaremos aqui de Maria, é responsável pela turma do infantil II e possui uma aluna autista em sua turma, Maria relata sua experiência no contexto pandêmico como desafiante, tendo em vista que a Educação Infantil aderiu a um método que não utilizava as chamadas online, todavia eram preparadas atividades e pequenos vídeos explicativos para que as crianças realizassem as atividades junto aos seus familiares. Maria afirmou que ao longo da pandemia a sua turma não teve nenhum aluno com TEA, mas ao falarmos sobre inclusão Maria destaca o seguinte:

“Muitas vezes a criança fica na escola, mas fica aquém do desenvolvimento das habilidades e capacidades que elas têm para desenvolver”.

Fonte: entrevista realizada em 2022.

A vista disso, temos as contribuições de Andrade, Braga e Flores (2018) que destacam os apoios como essenciais para a efetivação da inclusão na escola regular e buscam eliminar as

mais diversas barreiras, garantindo a participação do aluno com deficiência em igualdade de condições com os demais. Consequentemente, não é suficiente apenas a matrícula, mas compete as instituições de ensino estabelecerem a efetivação dos direitos legais dos estudantes, a fim de promover um ambiente favorável ao aprendizado.

Maria ressalta também a falta de profissionais qualificados, porquanto muitos cuidadores não possuem uma formação adequada para lidarem com as necessidades dos alunos. Em contraponto a essa afirmação, é possível destacar que na Lei 12.764/12 artigo 3º infere-se como garantia ao acompanhamento especializado quando houver a comprovação da necessidade, quando o aluno com Tea estiver incluído nas classes comuns de ensino regular, por esse motivo, o processo de inclusão é um constante desafio como destacou Maria em uma das suas falas.

4.3 Á PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NO PERCURSO ESCOLAR DE ESTUDANTES PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: O QUE A PESQUISA REVELA

Quando se trata do ensino regular, os obstáculos/desafios para o trabalho voltado aos estudantes com Tea são ainda maiores. O que se deve, em parte a ausência da família que, por vezes, se isenta de uma participação mais efetiva no percurso escolar de seus filhos, como apontado nos relatos das professoras Tânia e Kelly.

A professora Tânia, responsável pela turma do 4º atua na educação há 26 anos e considera a inclusão como um grande desafio e que cada criança é um desafio bom *“Elas nos fazem pensar, refletir, estudar e ir atrás de como trabalhar com cada uma delas”*. Dentro desse aspecto, a professora acentuou a sua realidade no contexto pandêmico em que trabalhou com duas irmãs gêmeas que são crianças com Tea, entretanto os resultados salientados não foram positivos, tendo em vista que a participação de ambas foi quase nula e apesar da escola ter buscado contato com a família, a retirada das atividades não acontecia.

Além disso, o acesso à internet foi outro ponto enfatizado pela professora Tânia, considerando que muitas famílias não tinham acesso à internet para realização das chamadas, o que implicou numa crescente lacuna participativa durante todo esse período, o que nos leva a uma reflexão, pois conforme enfatiza Candido, Eliane et al (2021) essa estratégia de utilizar computadores, tablets e outros serviços online colaborou significativamente para famílias com maior poder aquisitivo, no entanto as famílias que se encontram em vulnerabilidade enfrentaram grandes desafios para se encaixar nesse novo formato e na maioria dos casos, não

tiveram nenhum suporte governamental que subsidiasse essa necessidade.

Concomitantemente as realidades descritas acima, temos as contribuições da professora Kelly que é responsável pelo 2º ano, onde a mesma trouxe alguns aspectos do então retorno presencial e dos desafios que se formaram após todo esse período. Kelly não teve alunos com Transtorno do Espectro Autista e sim com uma criança com deficiência física, todavia ao retornar para sala de aula se deparou com estudantes que apresentaram comportamentos típicos de TDAH e que estão realizando triagem na FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência.

Kelly ressalta que apenas a minoria contava com o suporte familiar na realização das atividades e que a maioria das crianças não recebiam o acompanhamento das famílias, o que demonstrou um crescimento ainda mais evidente na heterogeneidade das turmas assim como o crescimento no número de suspeitas de alguma deficiência entre as crianças após o retorno as aulas presenciais. Dentro dessas circunstâncias, é possível compreender que o papel do professor não se limita apenas no transmitir o conteúdo, mas o de enfrentar os desafios recorrentes a cada realidade que lhe é apresentada em sala de aula, buscando assim uma equidade no ensino e na garantia dos direitos de cada aluno.

4.4 A INCLUSÃO DO ESTUDANTE COM TEA: DISCUTINDO O PAPEL DA GESTÃO E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR.

Comprendemos que o papel da gestão escolar é determinante para o envolvimento da família e de todos os profissionais da educação nas ações em favor da inclusão de estudantes com Tea ou qualquer outro tipo de deficiência. Por essa razão, consideramos importante discutir os posicionamentos da gestora escolar apresentados a seguir.

Nossa última entrevista foi realizada com a Gestora Pedagógica Luíza, que possui especializações em supervisão, gestão e orientação escolar, além de atuar como coordenadora do programa Circuito Campeão do estado da Paraíba. Nesse viés, falar em gestão é falar sobre a interação e participação, pois como ressalta LUCK (2002) essa o ambiente participativo “construir uma realidade mais significativa, não se constitui em uma prática comum nas escolas”.

Assim sendo, os resultados obtidos pela gestão escolar, demonstraram uma participação significativa, apesar dos desafios enfrentados por todos, o número de famílias participando ainda se mostrou positivo conforme a fala de Luiza;

“O nosso IDEB cresceu mesmo diante da situação de aulas remotas e nos empenhamos a fazer o melhor. Apesar de muitas famílias ainda terem dificuldades na internet, também foram disponibilizados material xerocado para que eles realizassem”

Dentro dessa perspectiva, a LDB também colabora com os aspectos da gestão ao trazer em seu artigo 12 a relação entre a gestão escolar e a comunidade, o que é de suma importância para que se efetive assim um ambiente propício aos direitos fundamentais da educação. Além disso, Luiza enquanto gestora enfatizou a interação entre os professores, uma vez que trabalharam de forma integrada para alcançarem resultados positivos, ou seja, houve a interação entre os docentes das classes de ensino regular e a professora do AEE.

No que tange ao processo de inclusão, Luiza afirma que;

“Eu ainda não acredito que a escola regular esteja pronta para receber esses meninos”.

A fala da gestora nos leva a uma reflexão acerca de como a escola tem se posicionado frente as mudanças sociais e realidades subjacentes em nosso cenário educacional, uma vez que a própria lei através dos marcos legais como a Constituição Federal de 88, Lei de Diretrizes e Bases e a Lei Brasileira de Inclusão visam a garantia de que cada sujeito esteja presente no processo educativo, promovendo assim não apenas o acesso, mas a permanência do público da Educação Especial em todos os espaços e contextos sociais. Destarte, a escola e todos os profissionais que a integram ainda necessitam de uma transformação em suas abordagens e principalmente uma ruptura com a concepção tradicionalista e excludente que vigorou por longas décadas.

Diante do exposto, os dados coletados apontaram uma série de desafios visando a inclusão de estudantes com Tea, dentre os quais destacamos as estratégias necessárias para estabelecer a comunicação com o grupo em questão, a ausência de profissionais qualificados para atuação em ambientes escolares, a participação efetiva das famílias ao longo do processo e a interação da gestão escolar juntamente a toda comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises da pesquisa e no aparato bibliográfico utilizado para construção deste tcc, foi possível concluir que para promover a aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista é necessário delinearla com base nas estratégias e interesses demonstrados pelas próprias crianças, com o objetivo de torná-las cada vez mais autônomas e independentes, para que assim seja possível uma inserção não apenas na escola, mas em todos os âmbitos da nossa sociedade. Além disso, a pesquisa colabora para o resgate dos marcos legais que norteiam a Educação Especial e visam o pleno desenvolvimento e inclusão de cada sujeito através da garantia de seus direitos.

Nessa conjuntura, acreditamos que as entrevistas realizadas em uma escola da Rede Municipal de João Pessoa contribuem para percepção acerca de como o processo de ensino e aprendizagem tem se configurado mediante as necessidades apresentadas pelos alunos com Tea, e com base nas falas pudemos inferir que ainda temos um longo caminho para alcançar a plena inclusão, pois como apresentado por todas as professoras entrevistadas, a inclusão é um grande desafio para todos os educadores, e apesar do trabalho desenvolvido, as escolas no geral ainda precisam ampliar as relações com a família, que por sua vez necessita demonstrar um maior envolvimento neste processo, garantindo-se com isso, uma efetiva colaboração entre ambos os seguimentos.

Concomitantemente a essa relação família-escola, também foi possível compreendermos a grande importância de profissionais qualificados para estarem atuando dentro das escolas de forma a colaborar com a inclusão de estudantes com Tea em todo o processo educativo, cooperando para o aperfeiçoamento de novas estratégias a serem utilizadas dentro e fora da sala de aula, promovendo assim uma equidade, tornando cada sujeito protagonista em seu processo.

Sob essa perspectiva, o trabalho buscou destacar os desafios docentes no processo de inclusão, os quais se encontram não apenas na promoção de um ambiente favorável ao ensino como também nas barreiras atitudinais que são hoje um dos maiores obstáculos para os educadores. Sendo assim, a nossa legislação apesar de garantir aos estudantes público alvo da Educação Especial o direito de estarem nas escolas, ainda não é suficiente, sendo necessário o esforço coletivo por parte de professores, familiares e de toda sociedade para a ruptura com os paradigmas excludentes que ainda persistem em nosso meio. Sendo assim, estamos trilhando

novos caminhos e gerando novas concepções que resultarão mais à frente a tão sonhada inclusão. Esperamos, portando, que a presente pesquisa, como também outras publicações que poderão resultar deste estudo sejam um subsídio a mais no fortalecimento dessa luta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Manuella; SOUSA, Luís; RABELO, Patrícia; SANTIAGO, Bianca. Classificação Internacional das Doenças – 11ª revisão: da concepção à implementação. Ver. Saúde Pública. 2020; 54:104.

AMÉRICA, Maria; BRAGA, Paula; FLORES, Renata. In: Acompanhante especializado na educação. In: Direitos das pessoas com autismo. São Paulo, Memnon, 2018.cap 7 p, 65-72.

ARAÚJO, Adriana; SCHMIDT, Carlo. Desenho universal para aprendizagem: Uma abordagem para alunos com autismo em sala de aula. Revista Teias. V2, 2021.

BRASIL. Governo do Paraíba. Medidas contra a covid-19. Disponível em <https://paraiba.pb.gov.br/medidas-contr-a-covid-19> Acesso em: 26 nov. 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL, Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAVALCANTE, João Roberto et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v.29, n. 4, e2020376, set.2020.

CANDIDO, Eliane et al. Aluno com transtorno de espectro autista em tempos de pandemia: Uma revisão sistemática. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista, Bahia. V. 8, n. 9, p. 1-12, maio, 2021.

DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. Ver. Latioam. Psicopat. Fund. São Paulo, 18(2), 307-313, jun. 2015

FAMÁ, Maria; FLORES, Maria. Autismo e deficiência. In: Direitos das pessoas com autismo,

São Paulo, Memnon, 2018.cap.2 p,23-28.

FEITOSA, Rodrigo et al. Ferramentas Assistivas no Ensino e Aprendizagem de Crianças com Aspecto Autista: Um Mapeamento Sistemático. Amazonas, CBIE,2019.

FONTES, Cristiane S.; CARMEM, Herica S.; JUSSARA, Maria S. O processo de aprendizagem de crianças autistas.

GEBAUER, Margarete. Inclusão de crianças com autismo na educação infantil: Desafios para gestão escolar. Monografia em Gestão Educacional- Universidade Federal de Santa Maria.Rio Grande do Sul, p.11. 2018.

GIVIGI, Rosana et al. Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo. Ver. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 24(3), 618-640, set. 2021

GUIMARÃES, Hércules. O gestor escolar e suas competências: A liderança em discussão. Rio de Janeiro, p.3.

HENTGEST, Claudine; HENTGES, Camila. O autismo infantil e suas implicações na escola: Políticas de inclusão e direitos humanos. Ponta Grossa, PR, 2018.

MACHADO, ANDRE et al. Os impactos da pandemia Covid-19 na vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Ver. Seção Judiciária, Rio de Janeiro, P.91-106.

OLIVEIRA, Augusto J; ZONZIN, Marlice. A lei da esperança. In: CAMINHA, Vera et al. Autismo, vivências e caminhos. Ed Edgard Blücher Ltda, 2016. P.11-23.

PACHECO, K. M. B.; ALVES, V. L. R. A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma. Acta Fisiátrica, v. 14, n. 4, 12 set. 2007.

ROCHA, Adriana; VASCONCELOS, Marcio. Conversando sobre autismo- Reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. In: CAMINHA, Vera et al. Autismo, vivências e caminhos Ed Edgard Blücher Ltda, 2016. P.24-33.

SALOMÃO, José. Transtorno do Espectro do Autismo. In: FLORES, Renata; FAMÁ, Maria. Direitos das pessoas com autismo. São Paulo, Memnon, 2018.cap.1 p,15-22.

SANTOS, Cristina; RODRIGUES, Sandra. Sociointeracionismo: Dialogando com Bakhtin e Vygotsky sobre o sujeito fruto das interações sociais. Paraná. Revista Educação e Linguagens. 2020.

SERRA, Dayse. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1 n. 2, p. 163-176, jul./dez. 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Público a ser entrevistado:

Professora do AEE

Professora da sala regular

Gestora Pedagógica

QUESTIONÁRIO

1. Descreva sobre sua formação acadêmica, tempo de atua na educação e suas motivações para trabalhar dentro da educação especial.
2. Quanto a inclusão dos alunos com deficiência, como você analisa em sua prática docente?
3. Durante o período de isolamento social você atuou no modelo de ensino remoto? Destaque os maiores desafios desse método para crianças com deficiência, em especial crianças com TEA.
4. Quanto as crianças com TEA, quais os métodos utilizados durante o isolamento social auxiliaram em sua aprendizagem?
5. Como você avalia a participação da família durante o período de ensino remoto?
6. Você recebeu algum suporte por parte da escola através durante esse período (ex: parcerias, projetos)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Prezado(a) PARTICIPANTE DE PESQUISA,

A pesquisadora Luana Ferreira Freitas convida você a participar da pesquisa intitulada

“APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA NO CONTEXTO PANDÊMICO: DESAFIOS DOCENTES PARA INCLUSÃO”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução CNS 196/96. Informamos que sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

O objetivo central da Pesquisa é identificar os desafios vivenciados por professores tendo em vista a aprendizagem da criança com TEA no contexto pandêmico. Para isso, a metodologia adotada volta-se para pesquisa de campo com caráter qualitativo para obtenção dos resultados.

A pesquisa não apresenta nenhum risco ao participante tendo em vista a objetividade na coleta de dados que não implicará no cansaço do participante.

A pesquisa traz em si benefícios que não se limitam apenas ao meio acadêmico, uma vez que se propõe a conhecer outras realidades e assim ampliar as reflexões para mudanças sociais em nossa conjuntura.

Luana Ferreira Freitas

Contato: Luanafreitas765@gmail.com

Telefone: (83)98670-3984

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

UFPB:(83) 3216-7200

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB

Telefone: +55 (83) 3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.

Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

João Pessoa, Paraíba (83)

Participante da Pesquisa

Responsável pela pesquisa